

MARCOS BACAMARTE

DOS MARIDOS

para Sônia Queiroz

Estava João Fernandes,
o fidalgo tratador,
embebido em diamantinas
e esquecido do ouro preto,
mel de pura cor
p'ra sua boca sem sentidos;

e o jagunço matador
adorado à dor, a dor
de não ter dô,
pobre Antônio do sertão,
que sangra Januária
mas padece mal de amor;

e Fernão das esmeraldas
traçando seus caminhos.
Corta mata, arranca espinhos
à cata de outras gemas,
esquecido o brilho verde
dos olhos de quem ficou.

Do chapadão ao serro frio,
todos fortes p'ra com os fracos,
todos machos p'ra com os mochos,
todo orgulho e toda força
incapazes de saber
dos segredos do calor.

E constroem suas cercas,
seus currais, suas promessas,
mas El Rey não pode entrar.
E fica a olhar de longe,

pois curral tem o segredo
do parir e do criar.

às vezes são ferozes
entre balas e revólveres
que disparam sem pensar.
como maus atiradores:
Violentos sem sentido
por não saber da arma usar.

Pobre de mim e de Fernão,
de Antônio e qualquer João,
que queremos nas Adélias,
nas Sônias, nas Marias,
em vez da luz e do carinho,
insossa e triste amélia.

Mas se Inês é morta
ã bala e esteiros
guardam seus corpos destruídos,
eles são marcos e docas
no cais da vil tristeza
p'ra que aprendamos a amar.